

Panorama

Editor: Igor Natusch
igor@jornaldocomercio.com.br

FERNANDA BIGIO DAVOGLIO/ESPECIAL/JC



Vilma Sonaglio é a responsável pelo V744atelier; espaço comemora cinco anos de existência com a exposição fotográfica Cá(s), que terá atividade de abertura no sábado

ARTES VISUAIS

V744: casa, ateliê e tantas outras coisas

Andressa Pufal

andressap@jornaldocomercio.com.br

Chaves antigas, pregos soltos, madeiras de demolição, tapetes antigos. Estes são objetos que, por si só, não despertam curiosidade e que, para muitos, não são dignos de muita atenção. Mas saber enxergar o segredo, o mistério e as histórias nos mais simples dos artefatos é, talvez, a maior virtude de Vilma Sonaglio. São estas peças que se transformaram em matéria-prima para o seu trabalho e que agora ajudam a contar a história do V744atelier, que está aniversariando neste mês.

Um dos principais espaços de criação, pesquisa e difusão da arte contemporânea independente de Porto Alegre está completando cinco anos de existência e, para celebrar a data, inaugura, neste sábado, às 17h, a exposição Cá(s), de autoria da fundadora do espaço, a artista visual

Vilma Sonaglio. Reunindo cerca de 55 obras fotográficas divididas em 4 séries, a mostra é dedicada a contar a história do ateliê – abordando sua trajetória desde a fundação, passando pelas mostras realizadas no espaço e revelando pequenos detalhes do local em fotografias intimistas.

O V744 é uma mistura de significados: ao mesmo tempo em que é casa para a artista, também é ateliê de criações e espaço de exposições. Este hibridismo significativo também é o motor de Cá(s), que traz objetos deslocados de sua função original para integrar a narrativa visual autobiográfica da artista e do ateliê-casa. Materiais antigos da casa, como pregos avulsos e chaves misteriosas, convivem com fotografias abstratas digitais e químicas, numa metalinguagem que utiliza pequenos fragmentos do V744 para montar uma cronologia do espaço. A mostra em cartaz até 9 de outubro, com visi-

tação nas quartas, quintas e sextas-feiras, das 14h às 17h.

A exposição dá continuidade ao trabalho de pesquisa de Vilma, que há décadas investiga a fotografia como instrumento de memória, significação e verdade. Logo na entrada da mostra, os visitantes terão de caminhar sobre a fotografia de um antigo tapete da casa para acessar o espaço expositivo. Note: a fotografia de um tapete, não o tapete (que existe e está guardado). Esta escolha de colocar o público para interagir com a representação de algo e não com o objeto em si é um dos fio-condutores da exposição.

“Me fascina muito a ideia de representação, da relação das pessoas com a imagem”, comenta a artista. “A fotografia é isso: tem muita verossimilhança, mas não é verossímil.” Os pregos também existem, mas o que o público verá são as fotografias dos pregos. Um canto da casa é abrigo para uma fotografia dele

mesmo. Um grande mural com colagens de mini-fotos mostra como foi a montagem das 18 exposições que já passaram pelo espaço. Um arquivo vivo que traz em tudo aquele lugar: até no nome, Cá – aqui, agora. Só que no plural, para abarcar todos os significados possíveis.

Outro fio condutor que salta aos olhos na produção de Vilma é o preto e branco, o escuro. Isso reflete as primeiras formas com que a artista vislumbrou o mundo: no breu da noite, em que a única fonte de luz era a lua. Nasceu em Bento Gonçalves, a artista não tinha luz elétrica em casa até os 10 anos de idade. “Lembro de sentar na janela nas noites de lua cheia e esperar as imagens aparecerem. Nunca apareciam nítidas: eram nuances, aquele contraste de claro e escuro”, lembra. “Aquilo me marcou. São esses gatilhos que impulsionam e aparecem na minha obra hoje.”

“Fui escolhida pela fotogra-

fia”, conclui lembrando sua trajetória. Desde a graduação e o mestrado em Artes Visuais, a artista é dedicada a pesquisar sobre a verdade e as relações entre fotografia e as pessoas. Com exposições individuais e coletivas realizadas no Brasil, Alemanha e México no currículo, Vilma enxerga nessa arte uma gama de possibilidades que ainda não foram descobertas: “a fotografia é muito jovem, muito recente. Acredito que ela ainda não encontrou exatamente ao que veio.” E, seguindo a essência das juventudes, humanas ou não, ela deve experimentar, ousar e dilatar limites.

Há cinco anos proporcionando encontros entre a arte e as pessoas, o V744 quer contar a sua história e construir outras novas. Um processo que já começou e do qual o público é convidado a participar ativamente, deixando nela a sua marca – literalmente, já no tapete de entrada.